

POSSIBILIDADES REMOTAS: ensino coletivo de flauta doce online e paisagem sonora em um projeto de extensão desenvolvido na Universidade Federal de Pernambuco¹

REMOTE POSSIBILITIES: online group recorder teaching and soundscape in an extension project developed at the Federal University of Pernambuco

Davson dos Santos Moura²
Orientação: Profa. Dra. Cristiane Galdino³

RESUMO

Este artigo aborda a pesquisa sobre o ensino coletivo de flauta doce online, com ênfase nas contribuições do estudo da paisagem sonora no contexto da educação musical, a partir da oficina *Música e Flauta Doce* desenvolvida no âmbito do Programa de Estímulo à Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco. O trabalho visou explorar como a paisagem sonora pode ser abordada no âmbito do ensino coletivo de flauta doce online, superando desafios como o atraso de comunicação das plataformas online utilizadas para aulas. O artigo se divide em três seções teóricas e uma descritiva: a primeira, sobre o ensino coletivo de instrumento musical no Brasil, traçando um breve histórico. A segunda seção discute o ensino musical online no Brasil, destacando sua expansão e desafios na interação entre alunos e professores em ambientes virtuais. A terceira parte analisa o conceito de paisagem sonora, fundamentando a proposta pedagógica da oficina, com base nas reflexões de Murray Schafer sobre o ambiente sonoro e sua relação com a educação musical. A seção descritiva busca relatar a experiência da oficina *Música e Flauta Doce*, apresentando as atividades desenvolvidas e o resultado da apresentação final. As conclusões ressaltam a viabilidade do ensino coletivo online de flauta doce através da paisagem sonora, oferecendo novas possibilidades para a educação musical à distância, promovendo a inclusão e democratização do ensino, e permitindo que mais pessoas, independentemente de seu contexto social ou geográfico, tenham acesso à educação musical.

Palavras-chave: ensino coletivo; flauta doce; paisagem sonora; educação musical online.

ABSTRACT

This article addresses research on online collective recorder teaching, with an emphasis on the contributions of soundscape studies in the context of music education, based on the “Music and Recorder” workshop developed within the scope

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Maria Aida Barroso; Prof. Dr. Leandro Pereira de Souza, na seguinte data: 16 de abril de 2025.

² Graduando em 2025 na UFPE.

³ Professora do Curso de Licenciatura em Música da UFPE.

of the Culture Stimulation Program of the Office of Extension and Culture at the Federal University of Pernambuco. The work aims to explore how the soundscape can be integrated into the online collective recorder teaching framework, overcoming challenges such as communication delays in the online platforms used for lessons. The article is divided into three theoretical sections and one descriptive section: the first covers collective music instrument teaching in Brazil, providing a brief historical overview; the second section discusses online music education in Brazil, highlighting its expansion and the challenges in interaction between students and teachers in virtual environments; the third part analyzes the concept of soundscape, grounding the pedagogical proposal of the workshop based on Murray Schafer's reflections on the sound environment and its relation to music education. The descriptive section seeks to report the experience of the "Music and Recorder" workshop, presenting the activities developed and the outcome of the final presentation. The conclusions emphasize the feasibility of online collective recorder teaching through soundscapes, offering new possibilities for distance music education, promoting inclusion and democratizing education, and enabling more people, regardless of their social or geographical context, to access music education.

Keywords: group teaching; recorder; soundscape; online music education.

1 INTRODUÇÃO

O ensino coletivo de instrumentos musicais online é um desafio devido às barreiras tecnológicas, visto que as plataformas utilizadas para as aulas, como o Google Meet, possuem um pequeno atraso no envio e recebimento de dados. Neste trabalho iremos expor e analisar atividades, bem como o trabalho final desenvolvidos na oficina online *Música e Flauta Doce*, que foi realizada entre março e junho de 2021.

O projeto desenvolvido pretendeu ampliar as possibilidades para o ensino coletivo de flauta doce online, ao refletir sobre as contribuições do estudo da paisagem sonora nesse contexto de ensino, a partir da oficina *Música e Flauta Doce*, desenvolvida através do Programa de Estímulo à Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE.

2 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para que possamos compreender melhor de que forma foram concebidas as estratégias para o planejamento e execução das atividades desenvolvidas na oficina, iremos fazer uma breve apresentação e reflexão sobre os conceitos que permeiam nossa pesquisa.

Esta sessão será dividida em três partes que constituem as temáticas que norteiam o tema principal deste projeto. A primeira delas apresenta o ensino coletivo de instrumento musical no Brasil; a segunda, trata do ensino de música online no Brasil; e a terceira parte, reflete sobre a paisagem sonora e suas possibilidades na educação musical.

2.1 O ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL NO BRASIL

A pesquisa sobre o ensino coletivo de instrumento musical no Brasil acontece desde pelo menos a década de 1990, como aponta Cruvinel (2003) ao referenciar trabalhos de Tourinho, onde em sua dissertação de mestrado, no ano de 1995, discutia sobre a influência do repertório na motivação e desempenho escolar na aula de violão em grupo, e Moraes (1997), que no mesmo período apresentava sua monografia de especialização em Educação Musical sobre o ensino do Violoncelo em grupo.

Apesar das pesquisas datarem do início da década de 1990, o ensino coletivo já acontecia no Brasil desde a primeira metade do século XX, quando, segundo Lemos Junior (2012), Getúlio Vargas cria a Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA). A SEMA foi dirigida por Heitor Villa-Lobos, que implementou o ensino de música nas escolas do Rio de Janeiro, através do canto orfeônico, com uma justificativa nacionalista de uma melhor e mais eficaz propaganda do Brasil para o exterior.

Cruvinel (2004) destaca que, alguns anos depois, em 1975, Alberto Jaffé e Daisy de Luca, a convite do Serviço Social da Indústria (SESI), implementaram o projeto de ensino coletivo de cordas, em Fortaleza-CE. Em 1978, através da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), o casal implantou o projeto de ensino coletivo de cordas por todo Brasil. O projeto foi chamado de Projeto Espiral.

Seguindo a linha do tempo, em 1995, outro destaque é o surgimento de um dos mais bem sucedidos projetos sociais, ligado ao ensino musical do país, o Projeto Guri, com o objetivo de desenvolver as habilidades e potencialidades de crianças e adolescentes de áreas socialmente carentes através da música. “Ao todo são oferecidos mais de 70 mil vagas por ano, distribuídas em 400 polos de ensino no estado de São Paulo. [...] Desde a criação do Guri, em 1995, já foram atendidas perto de 1 milhão de crianças e adolescentes” (Projeto Guri, 2024). Desde então o

ensino coletivo vem se expandindo como importante ferramenta para o ensino e pesquisa de música, e transformação social no país.

Nesse trabalho, iremos considerar o Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ECIM) como um princípio pedagógico, pois assim nos permitimos entendê-lo como um caminho aberto, e que para colocá-lo em prática é preciso ter como norte alguns princípios que servem como fundamento para o ensino-aprendizagem de forma consciente.

Segundo Tourinho (2007), para que o ensino coletivo de instrumento musical aconteça de forma consciente, o docente deve considerar e incorporar seis princípios em sua prática, sendo eles (1) todos podem aprender a tocar um instrumento, (2) acreditar que todos aprendem com todos, (3) a aula inteira é planejada para o grupo, (4) o planejamento é feito para o grupo, considerando as habilidades individuais de cada um, (5) nutrir autonomia e decisão do aluno, e (6) o ensino coletivo elimina os horários vagos.

A partir dos princípios de Tourinho (2007) é possível explorar um mundo de possibilidades dentro do ensino coletivo de instrumentos musicais, seja homogêneo ou heterogêneo, com repertórios tradicionais ou alternativos, com aulas presenciais ou à distância.

Acima de tudo, o ECIM é uma importante ferramenta de democratização do ensino musical, e assim, meio de transformação social. Através do ensino coletivo mais pessoas podem ter acesso à educação musical, oportunizando a formação de indivíduos mais críticos, criativos e musicais.

2.2 O ENSINO MUSICAL ONLINE NO BRASIL

Segundo Ribeiro (2013), no Brasil, a educação musical a distância vem sendo explorada desde 1941, com a fundação do Instituto Universal Brasileiro, através do modelo de ensino por correspondência. Além do projeto Telecurso, que desenvolve programas veiculados em canais de TV aberta desde 1970, com foco na formação em nível básico. Com o advento da internet, o ensino online passou a ganhar mais força e notoriedade, pois essa tecnologia oferece comunicação de maneira rápida e de baixo custo, proporcionando a transmissão de áudios, vídeos, além do envio e recebimento de outros materiais didáticos de forma segura e precisa.

Os materiais e aulas podem ser acessados de forma síncrona, onde alunos e professor dividem um mesmo espaço virtual ao mesmo tempo, e se comunicam

através de videoconferência e bate-papo, utilizando dispositivos como computador, notebook, tablet ou smartphones. Ou de forma assíncrona, através do envio e recebimento de materiais didáticos, como vídeos, textos, áudios e mensagens, onde os alunos ou professor podem acessá-los a qualquer momento de seus dispositivos.

Essa modalidade de ensino proporciona o encontro e troca de conhecimento de discentes e docentes de diversos lugares do país e do mundo, possibilitando com um baixo custo e de forma rápida, acesso ao ensino de música a diversas pessoas nas mais variadas condições sociais e geográficas.

Mas o crescimento dentro desse campo educacional necessita de atenção, pois segundo Ribeiro (2013), com a internet, o ensino online no brasil passou por uma expansão rápida, recebendo um reconhecimento nunca percebido nessa modalidade. Ao mesmo tempo que esse crescimento foi pouco acompanhado por estudos científicos no campo educacional. O que, ainda segundo Ribeiro (2013), reflete até os dias atuais, nos cursos online e em programas de Educação a Distância, que tem como foco somente a transmissão de informação, tornando raras as ações que oportunizam a construção do conhecimento e a interação com os indivíduos.

Visto isso, apesar de todas as possibilidades que o ensino de música online oferece, ultrapassando as barreiras de espaço e tempo entre professores e alunos, é preciso se atentar para que a prática docente e a utilização desses recursos proporcionem a interação entre os discentes e incentive a criatividade e autonomia deles dentro desse contexto de ensino, ao invés de simplesmente transmitir conteúdo.

2.3 PAISAGEM SONORA E EDUCAÇÃO MUSICAL

Ao dirigirmos nossa atenção para o ambiente sonoro em nossa volta, somos capazes de perceber uma variedade infinita de sons. Graves, agudos, longos, curtos, suaves e estridentes, constantes ou passageiros, variáveis de acordo com nossa posição no ambiente físico, ou seja, ao nos locomovermos para diferentes ambientes, perceberemos que cada local tem sua identidade sonora, que cada um deles têm um conjunto de sons, das mais variadas características que formam sua própria paisagem sonora, e que nós também contribuímos para a formação desse ambiente acústico.

Segundo Pedreski, Borne, Ipolito (2024), o conceito de paisagem sonora foi um neologismo criado por Murray Schafer, originalmente escrito em inglês *Soundscape*, ao juntar as palavras *sound* (som), com *landscape* (paisagem), e traduzido para o português como paisagem sonora. Schafer (2011) afirma que a paisagem sonora é um campo de estudo acústico, que considera os elementos sonoros e quaisquer detalhes possíveis de serem ouvidos, ou não, em determinado espaço físico.

Schafer (2011) defende a ideia de que somos intimamente responsáveis pela paisagem sonora ao nosso redor, e que ela molda nossa relação com o ambiente, e consequentemente nossa vida em sociedade.

A poluição sonora ocorre quando o homem não ouve cuidadosamente. Ruídos são os sons que aprendemos a ignorar. A poluição sonora vem sendo combatida pela diminuição do ruído. Essa é uma abordagem negativa. Precisamos procurar uma maneira de tornar a acústica ambiental um programa de estudos positivo. Que sons queremos preservar, encorajar, multiplicar? (Schafer, 2011, p. 18).

Para Schafer (2012), a música é uma organização de sons com a intenção de ser ouvida. Sendo assim toda produção sonora pode ser pensada através de uma ótica musical, ao considerar timbres, duração, intensidade, dentre outros aspectos do som. Um bom exemplo disso são os cantos de trabalho, que transformam os ruídos de um árduo trabalho em música, que por sua vez dá força aos trabalhadores durante toda a jornada de trabalho. Sem a intenção de serem ouvidos, os sons de uma bata de milho, por exemplo, seriam apenas ruídos.

A partir dessa reflexão, é possível vislumbrar um caminho de possibilidades dentro da educação musical. Pois se somos parte dessa grande possibilidade de composição musical, que é o mundo, é possível despertar reflexões sobre cada característica presente nos ambientes sonoros do cotidiano dos alunos, perceber, avaliar, inserir e descobrir novas formas de reproduzir os diversos sons presentes nesse ambiente. O estudo da paisagem sonora na educação musical permite aos alunos criar intimidade maior com os sons a sua volta, perceber e cuidar deles, tratá-los com criatividade. A paisagem sonora os permite compreender a música de forma desmistificada e palpável.

3 OFICINA MÚSICA E FLAUTA DOCE

No mês de dezembro de 2020, a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tornou público o primeiro edital de Bolsas de Incentivo à Criação Cultural (BICC), através do Programa de Estímulo à Cultura. O edital tinha como objetivo fortalecer o protagonismo estudantil nas atividades e ações da UFPE, a fim de incentivar e potencializar iniciativas de participação no processo de criação e difusão de obras e/ou ações inéditas de valor artístico-cultural dentro e fora dos espaços da universidade. Visto que estávamos em período pandêmico, uma das exigências do edital era que as propostas fossem executadas respeitando as diretrizes estabelecidas pelo distanciamento social decorrente da pandemia da COVID-19.

Dentro desse contexto, submeti o projeto intitulado Musicalização no distanciamento social: a flauta doce e a internet como acesso à educação musical, que teve como objetivo promover o acesso à linguagem da música através da flauta doce, frente ao distanciamento social, através de um curso remoto de musicalização utilizando a flauta doce como fator principal desse processo. A oficina de musicalização ganhou nome de *Música e Flauta Doce*, e teve como meta atender 15 alunos iniciantes em música, através da plataforma Google Meet, com 1 encontro semanal de 1h30 de duração, por 3 meses.

A princípio, as vagas foram oferecidas prioritariamente para os alunos da Escola Municipal de Arte João Pernambuco, e para o público geral. No início de março de 2021 foram abertas as inscrições para a oficina através de um formulário google. Os critérios para seleção dos alunos foram: possuir flauta doce, se eram alunos matriculados da Escola Municipal de Arte João Pernambuco, e por último, a ordem de inscrição. Era esperado uma média de 20 inscritos, entre alunos e não alunos da escola, porém o curso teve 62 inscritos em uma semana, sendo 36 alunos da escola e 26 do público geral. Com isso foram ampliadas as vagas de 15 para 20 alunos.

No processo de planejamento da oficina, os objetivos almejados foram: Discutir características do som, como timbre, ruído e silêncio; compreender as técnicas básicas de respiração, postura, articulação e digitação da flauta doce; trabalhar escuta crítica; executar as notas naturais da mão esquerda; explorar as

possibilidades timbrísticas da flauta doce; e realizar uma apresentação musical coletiva em forma de vídeo para a conclusão da oficina.

Ao traçar esses objetivos, esbarrei em diversas dificuldades. A principal delas era desenvolver atividades coletivas no ambiente virtual, onde todos pudessem tocar e se ouvir.

Plataformas de comunicação online, como o Google Meet enfrentam um problema chamado latência, um atraso no fluxo de dados online, que impede, por exemplo, duas ou mais pessoas tocarem a mesma música ao mesmo tempo, se vendo e escutando perfeitamente durante toda a execução.

Foi aí que vislumbrei o estudo da paisagem sonora como possibilidade para o desenvolvimento dessas atividades. Pois em alguns ambientes sonoros, os sons se sobrepõem, sem necessariamente seguir uma ordem ou hierarquia pré-estabelecida. O que define a importância dos sons, nesses ambientes, é a percepção do ouvinte. Sendo assim, mesmo com o problema de latência, poderíamos recriar ambientes sonoros, tocando juntos, e avaliar a percepção de cada um. Além de que cada aluno tinha sua própria experiência acústica, baseada em seus costumes e ambientes sonoros. Trazer essas experiências para a aula, possibilitaria a interação entre eles, fazê-los sair de casa através dos sons, num momento em que não podíamos sair de casa, além de fomentar a criatividade da descoberta de novos sons.

3.1 ALGUMAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No desenvolvimento das aulas, estudamos os conceitos de som, ruído e silêncio, e começamos a recriar ambientes sonoros através de imagens. A primeira imagem que nos propomos a recriar foi uma foto da Avenida Agamenon Magalhães, uma das vias mais movimentadas da cidade do Recife:

Figura 1 - Avenida Agamenon Magalhães



Fonte: Diário de Pernambuco (2018)

Ao pensar sobre como poderia causar uma reflexão sobre uma paisagem sonora ruidosa através da memória, considerei o cotidiano palpável. A escolha dessa imagem se deu por todos os alunos serem residentes da cidade do Recife. Trazer uma imagem dessa avenida, representa reviver momentos presentes no dia a dia de cada um deles, e assim aproximá-los do entendimento sobre o ambiente sonoro que essa imagem representa.

Schafer (2011) afirma que “A poluição sonora ocorre quando o homem não ouve cuidadosamente. Ruídos são os sons que aprendemos a ignorar.” Com essa imagem buscamos refletir sobre os sons que aprendemos a ignorar. Assim, os alunos, a partir dos seus pontos de vista, uns como pedestres, outros dentro do ônibus e outros dentro do carro, foram citando elementos sonoros presentes na avenida, como os sons dos carros, caminhões, ônibus, sons de ambulância, ambulantes vendendo água e pipoca, buzinas e freio de automóveis, discussões de trânsito, passos apressados, daí por diante. Após refletir e listar os sons presentes, decidimos recriar alguns. Uns utilizando a flauta doce, outros a própria voz.

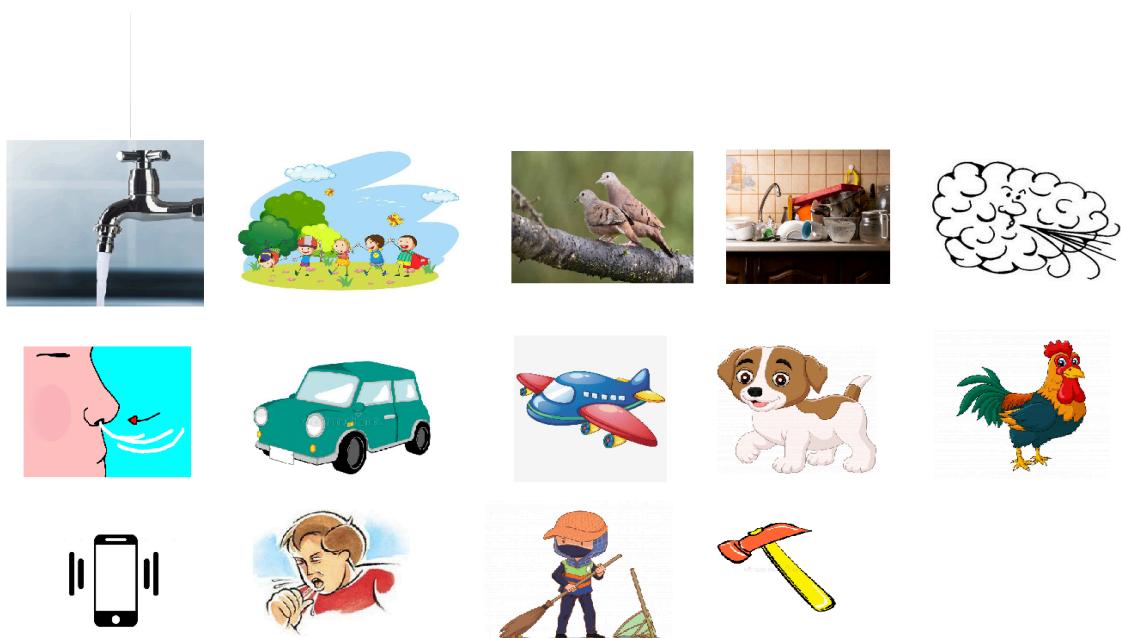
Com essa atividade, pudemos trabalhar a autonomia, memória e criatividade dos alunos na recriação dos sons, utilizando a flauta doce. Além da percepção auditiva, visto que não definimos quais sons cada um iria recriar, então eles precisavam também se escutar para saber quais sons estavam faltando para que a recriação ficasse mais fiel ao que descreveram.

A partir daí, pedi para que, no decorrer da semana, os alunos ficassem mais atentos aos sons que rodeiam os ambientes presentes na rotina de cada um, e que gravasem, com o gravador do celular, os sons que achavam interessantes, para que pudéssemos compartilhar esses sons uns com os outros em aula.

Chegado o dia da aula, os alunos compartilharam os arquivos de áudio e ouvimos juntos os sons que cada um escolheu trazer. Depois disso, propus que recriássemos esses sons de forma contínua, como se todos fizessem parte de uma rotina de uma só pessoa.

Para isso precisamos pensar uma forma de ordenar quais sons viriam primeiro e quais viriam depois. Foi aí que criamos uma notação musical alternativa, com imagens que representavam os sons que seriam recriados, para serem lidos da esquerda para a direita. Assim, conseguimos fazê-los de forma organizada.

Figura 2 - Notação musical alternativa



Fonte: compilação do autor

Visualizando nossa notação musical, os alunos tinham acesso à qual os sons que seriam realizados, bem como quais viriam primeiro e quais viriam depois, mas não tínhamos nenhuma definição de quanto tempo cada um desses sons deveria durar. Propus que nos escutássemos uns aos outros para perceber qual o momento certo de transitar entre os sons. Depois de algumas tentativas e muitas risadas, os alunos começaram a perceber quando o grupo tendia a trocar de elemento sonoro, e aí todos trocavam gradativamente, e assim executamos toda a sequência de sons, sem dizer nenhuma palavra e sem interromper a atividade.

Com essa atividade, percebemos que apesar da latência da internet, conseguíamos nos ouvir e nos perceber musicalmente, sendo assim, poderíamos tocar juntos. Com isso propus que nos dividíssemos em diferentes salas do Google Meet, de forma que os alunos formassem duplas, com a proposta de reproduzir sons de ambulância e passarinhos, porém com a regra de utilizar somente as notas naturais da mão esquerda da flauta doce.

Uma pessoa da dupla, com a câmera desligada deveria reproduzir o som, enquanto o outro aluno ouvia atentamente, para perceber quais notas e como o colega executou o som, para em seguida imitá-lo.

Ao final da atividade, os alunos compartilharam uns com os outros o desafio de perceber a nota exata que o colega tocou, para assim conseguir reproduzir o mesmo som.

Com essa atividade, através da imitação, e elementos da paisagem sonora que estudamos nas aulas anteriores, os alunos puderam praticar a digitação das notas naturais da mão esquerda, bem como experimentar diferentes formas de representar o mesmo som, potencializando a percepção musical e criatividade de cada um.

3.2 RESULTADOS DA OFICINA

A oficina teve como parte de sua proposta, desenvolver uma apresentação final, em forma de vídeo, que pudesse mostrar o progresso dos alunos. Sendo assim, junto com a turma, decidimos compor uma peça utilizando a paisagem sonora.

Elencamos e selecionamos os sons mais interessantes. Dentre eles, sons de obras, chuveiro, avião, trem, passos, passarinhos etc. Nos dividimos para criar

formas para recriar os sons, utilizando as diversas partes da flauta doce, e gravar os resultados. Alguns sons foram recriados utilizando somente a cabeça da flauta, outros só o corpo, alguns alunos tocavam e cantavam ao mesmo tempo. Ao juntar os resultados, percebemos que todos os sons poderiam fazer parte de uma rotina de um dia na vida de uma pessoa.

Foi aí que iniciamos o processo de criação e gravação do vídeo intitulado Rotina (Moura, 2021), publicado no canal do Youtube da Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) da UFPE em 20 de setembro de 2021.

O vídeo, resultado da oficina, foi selecionado e exibido na exposição virtual do Centenário de Paulo Freire, promovido pela UFPE. Além de ser exibido e apresentado nos 6º e 7º Encontro de Extensão e Cultura da UFPE.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver ao longo do trabalho, o estudo da paisagem sonora se mostra uma estratégia eficaz para o ensino coletivo de flauta doce online. A partir de atividades desenvolvidas na oficina *Música e Flauta Doce*, aliando o estudo da paisagem sonora com técnicas tradicionais e contemporâneas da Flauta Doce, é possível vislumbrar um longo caminho de possibilidades.

O ensino de música online, apesar de sua ascensão no século XXI, ainda é pouco explorado e acompanhado por pesquisas acadêmicas. É preciso observar o potencial inclusivo dessa modalidade, para assim otimizar a formação de pessoas cada vez mais musicais e conscientes, ultrapassando barreiras sociais e geográficas.

Este projeto evidencia não só a possibilidade do ensino coletivo de flauta doce online utilizando a paisagem sonora, mas também abre portas para a expansão da democratização do ensino de música, uma vez que amplia o leque de alternativas para o ensino musical online.

REFERÊNCIAS

- CRUVINEL, Flávia Maria. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas**: a educação musical como meio de transformação social. Goiânia, 2003. 321 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, 2003.
- CRUVINEL, Flávia Maria. Projeto de Extensão “Oficina de Cordas da EMAC/UFG”: o ensino coletivo como meio eficiente de democratização da prática instrumental. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1., 2004, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2004. p. 68-71. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/Anais_1_ENECIM.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.
- MOURA, Davson. **Rotina**. 20 set. 2021. 6 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BrX7JRUpLBA>. Acesso em: 9 abr. 2025.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **No Recife, maior horário de pico é das 19h às 20h**. 2018. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2018/12/no-recife-maior-horario-de-pico-e-das-19h-as-20h.html>. Acesso em: 09 abr. 2025.
- LEMOS JÚNIOR, Wilson. História da educação musical e a experiência do canto orfeônico no Brasil. **EccoS Revista Científica**, n. 27, p. 67-80, 2012.
- MORAES, Abel. *Ensino instrumental em grupo: uma introdução*. **Revista Música Hoje**, n. 4, p. 70-78, 1997. Belo Horizonte: Departamento de Teoria Geral da Música, EM-UFMG.
- PEDRESKI, Marli; BORNE, Leonardo da Silveira; IPOLITO, Luiz Francisco. PAISAGEM SONORA: CONCEITO, HISTÓRIA E USOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL. **CAMINHOS DA EDUCAÇÃO diálogos culturas e diversidades**, v. 6, n. 1, p. "01-18, 2024.
- PROJETO GURI. **Quem somos**. Disponível em: https://www.projetoguri.org.br/sobre_nos. Acesso em: 27 set. 2024.
- RIBEIRO, Giann Mendes. Educação musical a distância online: desafios contemporâneos. **Revista da ABEM**, v. 21, n. 30, 2013.
- SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- SCHAFFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2012.
- TOURINHO, Cristina. *Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história*. In: **CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, 16., 2007, Campo Grande. Anais... Campo Grande: ISME, 2007.